

O FORMATO PROSÓDICO INICIAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA QUESTÃO METODOLÓGICA?

Maria de Fátima de Almeida Baia¹

baiamfa@usp.br

RESUMO: Neste estudo, verifica-se o papel da metodologia empregada nos estudos sobre a forma prosódica inicial. A necessidade dessa verificação surgiu após se notar que estudos que utilizam diferentes métodos apresentam diferentes resultados, i.e., estudos que lidam com o método observacional afirmam haver na aquisição do PB uma tendência iâmbica inicial (SANTOS, 2006, 2007; BAIA, 2006), enquanto que o estudo experimental de Rapp (1994) afirma haver uma tendência trocaica. Após análise dos dados e resultados, conclui-se que a metodologia utilizada afeta o resultado, entretanto, a discrepância encontrada ocorre devido ao léxico analisado em cada tipo de estudo: os estudos observacionais analisam o léxico no seu total (léxico comum e o léxico particular – nomes e verbos), enquanto que os experimentais lidam apenas com léxico comum – nomes devido ao *design* do experimento.

PALAVRAS-CHAVE: ritmo, acento, modelo prosódico, aquisição.

INTRODUÇÃO²

Neste estudo, verifica-se o papel da metodologia empregada nos estudos acerca do formato prosódico inicial na aquisição do português brasileiro (doravante PB). A necessidade dessa verificação surgiu após se notar que estudos que utilizam diferentes métodos apresentam diferentes resultados, i.e., estudos que lidam com o método observacional afirmam haver na aquisição do PB uma tendência iâmbica inicial (SANTOS, 2006, 2007; BAIA, 2006), enquanto que o estudo experimental de Rapp (1994) afirma haver uma tendência trocaica.

Este artigo está organizado da seguinte forma: no item 1, são abordados os diferentes métodos e suas características; no item 2, são apresentados os estudos prévios sobre o formato prosódico inicial do PB; no item 3, as hipóteses; nos itens 4 e 5, são

¹ Universidade de São Paulo – USP.

² Quero agradecer aos comentários e dicas dos pareceristas anônimos. O que permanece é de total responsabilidade minha.

apresentados os resultados da análise dos dados aqui considerados (naturalísticos e experimentais); e no item 5, é apresentada a respectiva conclusão.

1. SOBRE O MÉTODO OBSERVACIONAL E O MÉTODO EXPERIMENTAL³

Neste artigo, os dois métodos em discussão são o observacional e o experimental no estudo da produção, os quais, como será explanado na próxima seção, ao serem utilizados por alguns estudos apresentam diferentes resultados acerca do formato prosódico inicial do PB.

Método observacional

O pesquisador que trabalha com método observacional não precisa designar um estímulo específico para o participante, pois tanto a produção quanto a compreensão da linguagem ocorrem em uma situação normal de interação entre o falante e ouvinte. Ademais, apesar de lidar com a fala espontânea, certos cuidados precisam ser tomados, tais como: selecionar o número de crianças, estabelecer quais crianças podem participar do estudo e estabelecer um critério no recorte dos dados relacionado com o tipo de produção a ser considerada e categorizada, por exemplo, se serão considerados apenas dados de imitação ou de produção espontânea.

Alguns aspectos positivos desse método são: a) o uso da fala espontânea; b) ao querer observar um processo lingüístico, o pesquisador pode acabar deparando-se com outros, o que contribui com o desenvolvimento de pesquisas futuras ou complementares a que está sendo desenvolvida; c) contato com todos os componentes da língua em uso; d) contato com diversos tipos de palavras (comuns, particularmente infantis, diferentes classes de palavras, etc). Porém, existem alguns aspectos negativos: a) falta de controle do *output*; b) às vezes o que se busca analisar ocorre poucas vezes ou nem ocorre nas sessões que se tem; c) número reduzido de indivíduos participantes no estudo.

³ Uma outra possibilidade a ser averiguada em um estudo posterior é a interferência do uso da fala semi-espontânea (com uso de fantoches e experimentador intermediando) e da fala espontânea nos resultados dos dados. Por este ser um estudo inicial a respeito da discrepância entre os resultados dos estudos que adotam diferentes métodos, resolveu-se manter a oposição inicial: estudo observacional *versus* estudo experimental.

Método experimental

Este método levanta e calcula um conjunto de estímulos de uma maneira controlada, i.e. pré-estipulada. Os dados são, assim, recolhidos por meio de alguma técnica de elicitación em laboratórios ou em outro ambiente de trabalho. O objetivo desse tipo de método é testar se uma determinada predição está incorreta, ou contribuir na reformulação de uma teoria baseando-se em evidências dadas pelos resultados dos experimentos. O processo de construção de um experimento envolve, em geral, as seguintes etapas: seleção da população, escolha do tipo de método experimental e coleta de dados. Além disso, este método apresenta diferentes estratégias de elicitación. A produção lingüística pode ser obtida pedindo que a criança repita algum enunciado (imitación elicitada) ou que a criança crie um enunciado (produção elicitada). Segundo Crain & Wexler (1999), a imitação elicitada é uma estratégia experimental viável para os estudos de aquisição, pois o comportamento presente na imitação da criança reflete a análise e representações reconstruídas pela criança do estímulo adulto.

Alguns aspectos positivos desse método são: a) fala controlada; b) contato imediato com o fenômeno lingüístico a ser analisado. Porém, existem alguns aspectos negativos: a) ficar restrito ao que é pedido para o participante; b) falta de contato com outros processos que poderiam ser a causa de uma determinada estrutura; c) tipo de dados restrito (pode abranger apenas uma classe de palavra ou um tipo de léxico).

Percebe-se, então, que ambas as metodologias apresentam pontos positivos e negativos, e possuem características que as diferenciam uma da outra de uma maneira geral, e.g. a fala espontânea na observacional e a fala semi-espontânea (controlada) na experimental. Em geral, pode-se afirmar que ambas as metodologias são válidas para o estudo sobre a aquisição e que de acordo com o que foi exposto até o momento, aparentemente, não haveria uma característica que fizesse o estudo sobre um determinado fenômeno lingüístico apresentar diferentes resultados de acordo com a metodologia empregada. No entanto, ocorre no cenário da literatura aquisicionista brasileira uma discrepância entre os resultados de estudos que empregam metodologias diferentes.

A seguir, a fim de realizar um desfecho comparativo nesta exposição, é colocado um quadro que resume as características de cada método e as compara:

<i>Passos para geração de dados</i>	<i>Experimental</i>	<i>Observacional (naturalístico)</i>
1. Formulação de hipótese	Sim	Sim
2. Desenvolver o <i>design</i>	Sim	Não
3. Construir método de elicitção	Sim	Não
4. Selecionar população	Sim	Sim
5. Coletar dados	Sim	Sim

Quadro 1: *comparação entre os métodos de estudo*

Como o quadro 1 apresenta, os dois métodos só deixam de compartilhar os passos 2 e 3. Dessa maneira, este estudo pretende responder se, por causa desses dois passos, estudos que não optam pelo mesmo método podem apresentar resultados diferentes, embora analisem o mesmo fenômeno em dados de uma população similar. No que se refere ao item 2, tem-se o léxico invocado no experimento que parece desenvolver um papel importante na tendência prosódica inicial.

1.1 SOBRE O LÉXICO PRESENTE EM CADA MÉTODO

O léxico contemplado em cada método pode influenciar o resultado, pois, como será mostrado na próxima seção, no que se refere ao PB, estudos observacionais, que lidam com os dados na sua totalidade, i.e. incluindo dados de léxico comum e particular (produções familiares e criações lexicais), além de nomes e verbos, afirmam uma determinada tendência prosódica inicial, enquanto que o experimental, que lida apenas com o léxico comum e nomes, afirma outra. Observa-se que não apenas o tipo de léxico pode estar influenciando, mas a classe de palavras também.

Santos (2007) realiza um trabalho minucioso a respeito da influência do *input*, das produções familiares⁴ e da classe de palavras no modelo prosódico inicial, analisando dados de duas crianças (L. e R.) de 1;3 a 2;0 anos. Quanto à influência da fala adulta, a autora observa que as duas crianças produzem paroxítonos com menos frequência do que na forma alvo e que, estatisticamente, não há diferença na distribuição da seleção e da produção de palavras com acento final nos dados das duas

⁴ A autora analisa dados de produções familiares e não analisa dados de criações lexicais.

crianças. Dessa maneira, nota-se que o *input* não pode ser o responsável pela tendência iâmbica encontrada no PB. As conclusões referentes ao tipo de léxico e classe de palavras encontram-se a seguir.

Léxico particular – criações lexicais

O único trabalho encontrado sobre o PB, que analisa as criações lexicais, é o desenvolvido por Secco (1994). O autor afirma que as criações lexicais são instáveis, isto é, apresentam um período pequeno de duração, e funcionam como preenchedores de lacunas da fala da criança. Exemplos de criações lexicais:

- (01) [di.'ko] - bola (J.V-DEX)⁵
(02) ['ka.ke] – cachorro (G.A-DEX)

Secco (1994) sugere que há dois processos de criação lexical: o primeiro é o da reduplicação: [mu.'mu] 'muro', [ka.'ka] 'carro', [lu.'lu] 'luta' etc; o segundo é o uso de onomatopéia como criação lexical ('vum' – secador, 'pom' – tampa). O autor não observou a distribuição do acento nos dados de criação lexical, pois esse não era um de seus objetivos. Tal observação é feita por Baia (2006) que afirma, com base na análise de dados naturalísticos, que o modelo prosódico predominante nas criações lexicais é o iâmbico.

Léxico particular – produções familiares

Considera-se produção familiar um tipo de léxico presente na aquisição de qualquer criança falante de uma língua específica; por exemplo, em português, 'nanar' e 'papar' (cf. SANTOS, 2006, 2007; BAIA, 2006). São palavras que as crianças nos primeiros estágios utilizam e repetem com muita frequência. Dessa maneira, o que as distingue das criações lexicais é o fato de que elas são comuns e similares na aquisição de qualquer criança falante de uma mesma língua, ao contrário das criações lexicais que são instáveis e variam de criança para criança. A literatura (FERGUSON, 1964; STOEL-GAMMON, 1976; ELLIOT, 1991 e CLARK, 2005) costuma tratar este tipo de léxico como característica de *baby talk*, fala "tatibitate", ou *nursery language*

⁵ DEX: dado experimental / DES: dado espontâneo (naturalístico)

(JAKOBSON, 1972). Além disso, consideram-se produções familiares os dados de apelidos (hipocorísticos) que aparecem na fala infantil.

Como será mostrado na análise dos dados, as produções familiares apareceram apenas nos dados naturalísticos desta pesquisa, pois nos experimentais esse tipo de produção não foi requisitada. A seguir, são apresentados exemplos desse tipo de dado em produções espontâneas (DES).

(03) [na.'na]	nanar (dormir)	(LUI-DES)
(04) [te.'te]	mamadeira	(LUI-DES)

Baia (2006) afirma que o iambo é o modelo prosódico predominante nas produções familiares. Santos (2007), em um estudo mais minucioso, analisa as produções familiares e observa que, quando se tratavam de nomes, prevaleceu a produção de monossílabos tônicos (de 80 a 100%), mas quando verbos, prevaleceu a produção de iampos (de 95 a 100%).

Essa predominância de iampos em dados particularmente infantis já tinha sido alvo de comentários anteriores como o de Stoel-Gammon:

(...) In the majority of BP items, the accent is on the final syllable. This stress pattern contrasts sharply with the pattern found in as Portuguese where the stress generally falls on the penultimate syllable.
(Stoel – Gammon, 1976: 24)

Dessa forma, o léxico particular está presente, principalmente, nos dados naturalísticos e é predominantemente iâmbico. Logo, esse tipo de léxico pode contribuir na discrepância encontrada entre os resultados do estudo experimental e dos estudos observacionais.

Nomes vs. verbos

Santos (2007) observa um comportamento diferenciado do modelo prosódico em nomes e verbos. A autora analisa cada classe de palavra, desconsiderando dados de produções familiares. No que se refere aos nomes, de 1;3 a 2;0 anos prevaleceram os iampos (mínimo de 70% e máximo de 100% por mês analisado) e quando o alvo era WSW, o recorte WS foi predominante até 1;5 anos, após essa faixa etária prevaleceu o

recorte de SW. No que se refere aos verbos, até 2;0 anos a produção de monossílabos é predominante (mínimo de 95% e máximo de 100% por mês analisado) e quando o alvo era WSW, prevaleceu o recorte SW. Dessa maneira, observa-se um comportamento diferenciado dos nomes em relação aos verbos. Além disso, os resultados da autora mostram que mesmo sem a presença das produções familiares a predominância iâmbica permanece e que os verbos são, majoritariamente, monossílabos, enquanto os nomes são dissílabos iâmbicos. A autora percebe que mesmo desconsiderando dados de produções familiares a tendência iâmbica permanece nos dados.

O que precisa ser verificado agora é se o tipo de léxico, a classe de palavra ou ambos influenciam na tendência iâmbica encontrada pelos estudos observacionais e fazer uma comparação entre os resultados e as respectivas tendências prosódicas que apontam.

2. SOBRE O FORMATO PROSÓDICO INICIAL DO PB

A investigação acerca do formato prosódico inicial na aquisição da linguagem não é recente. Allen & Kawkins (1980), estudando a elisão de sílabas fracas no inglês, lançaram na comunidade lingüística a hipótese da tendência trocaica. Segundo os autores, os primeiros enunciados teriam o formato SW⁶. Gerken (1994) retoma este estudo e analisa novos dados da aquisição do inglês, confirmando a hipótese de que o pé trocaico é o pé *default*, fortalecendo, assim, a hipótese acerca da sua universalidade. No entanto, como será mostrado adiante, a tendência prosódica inicial defendida pelos estudos germânicos não é encontrada pela maior parte dos estudos sobre a aquisição do PB, os quais são, na sua maioria, estudos que utilizam o método observacional (SANTOS, 2001; BONILHA, 2004; SANTOS, 2006, 2007; BAIA, 2006).

Estudos acerca do léxico adulto do PB afirmam que o troqueu é o modelo prosódico predominante. O estudo de Cintra (1997) analisa a distribuição dos padrões acentuais no vocábulo em português em textos literários e conclui que a maioria dos vocábulos é composta por paroxítonos (63%); o de Albano (2001) analisa as entradas do mini-dicionário Aurélio e conclui que há predominância de paroxítonos (53,5%); e o estudo de percepção de acento lexical conduzido por Consoni (2006) afirma que a

⁶ S – *strong* e W – *weak*.

escolha dos falantes brasileiros é norteadada pelo padrão acentual do português, o paroxítono. Assim como estes estudos que lidam com a prosódia da superfície, a maior parte dos estudos que analisam a derivação do acento em PB considera o pé trocaico como o pé básico do PB. Massini-Cagliari (1995) e Bisol (1992) afirmam que o pé básico do PB é o troqueu, enquanto Lee (1995), no âmbito da fonologia lexical, argumenta que o PB comporta tanto pés trocaicos como iâmbicos, sendo o iambo o pé básico (não-marcado) dos nomes.

Observando o que a maioria dos estudos acerca da forma alvo afirma, é de se esperar que as crianças adquirindo o PB produzam mais troqueus, porém não é o que é notado na maioria dos estudos que lida com aquisição do PB. Ademais, curiosamente, o PB além de apresentar resultados que não vão bem ao encontro dos estudos realizados em outras línguas, apresenta uma discrepância interna nos estudos que adotam diferentes metodologias: enquanto o experimental afirma uma tendência prosódica, o observacional defende outra. A seguir, são apresentados os resultados obtidos com o uso dos diferentes métodos.

Estudo Experimental

O único estudo experimental brasileiro acerca do modelo prosódico inicial, conhecido até então, é o de Rapp (1994). A autora realiza um estudo experimental no intuito de analisar o processo de apagamento de sílabas fracas na aquisição do PB, analisando 393 produções de uma palavra por 8 crianças entre 1;6 e 2;0. Após a análise auditiva dos dados experimentais, a pesquisadora conclui o seguinte a respeito da preferência prosódico-lexical das crianças:

Em síntese, o padrão lexical preferencial, na faixa etária investigada (1;6 – 2;0), é o dissílabo paroxítono, impulsionando, desta forma, nesta direção, as simplificações de ordem prosódico-lexical encontradas nos enunciados infantis investigados (...)

(Rapp, 1994:162)

Na sua análise, a autora encontra 54,70% das produções trocaicas, o restante dos dados foi composto por produções iâmbicas, trissilábicas e monossilábicas. Como o objetivo da pesquisadora era o de analisar apenas o processo de apagamento e o modelo prosódico resultante, os erros de acento não foram analisados. Assim, não foi verificado

se eles tenderiam ir para o modelo prosódico-lexical dissílabo paroxítono (troqueu) ou para algum outro modelo. Em vista disso, foram analisados os dados apresentados por Rapp (1994) no apêndice da sua tese, observando as produções com erros de acento. Das 393 (100%) palavras, houve erro de acento em 16 (4,07%) e desses 16 dados com erros puderam ser levantadas as seguintes observações:

i) Em 62,5% (10) dos exemplos, o erro de acento é direcionado para a sílaba final, resultando, assim, pés iâmbicos ao invés de trocaicos – paroxítona que se torna oxítona, [ka.'xu] 'carro' (p.169), e proparoxítona que se torna oxítona, [k p.tu.'Pu] 'helicóptero' (p.177).

ii) Em 37,5% (6) dos exemplos, o acento é deslocado da sílaba final para a penúltima, resultando, assim, pés trocaicos ao invés de pés iâmbicos – oxítona que se torna paroxítona, ['ã. bo] - tambor (p.170).

Os erros foram poucos, entretanto, a maior parte deles mostrou um deslocamento em direção à sílaba final. No entanto, mesmo que os dados de erros apontem tal direção, de acordo com a análise de Rapp, baseada no total de dados, o modelo prosódico inicial do PB é o trocaico. A seguir, são apresentados os resultados obtidos por meio de estudos observacionais.

Estudos observacionais (naturalísticos)

Como será notado com a exposição dos estudos a seguir, há mais estudos que utilizam o método observacional do que os que utilizam o experimental no PB.

Em um primeiro momento, Santos (2001) argumenta que se as crianças estão lidando com algum constituinte métrico, há a possibilidade de ser trocaico ou iâmbico, mas não se pode afirmar que há uma tendência preponderante. Dessa maneira, a autora não confirma a tendência trocaica e, no intuito de mostrar a variabilidade na produção prosódica, apresenta a seguinte seqüência obtida por meio da análise de dados naturalísticos de duas crianças: de 1;5 – 1;8 há uma tendência iâmbica, de 2;1 – 2;9 ocorre um equilíbrio entre as duas formas (com exceção de 2;1, quando há um privilégio das formas SW), e de 2;9 – 3;0 há uma tendência de produção de WS (cf. Santos, 2001: 252). Dessa maneira, a análise da autora mostra uma tendência iâmbica

no primeiro momento, um equilíbrio de iampos e troqueus no segundo, e, no terceiro, uma tendência que favorece a produção de iampos novamente. No entanto, pela tendência iâmbica prevalecer em dois estágios, entende-se que, em geral, houve indícios a favor de uma tendência iâmbica nos dados iniciais do PB.

Em um segundo momento, Santos (2007) encontra mais indícios a favor de uma tendência iâmbica inicial. Todavia, é observado que tal tendência não ocorre devido a uma estratégia de evitação de certas estruturas por parte da criança e nem devido à influência do *input*. Ademais, a autora menciona que essa tendência não resulta de uma estratégia de otimização rítmica, pois mudança de acento, inserção e apagamento de sílabas ocorrem independentemente de encontro de sílabas fortes ou fracas (SANTOS, 2007: 127). Assim, é assumida uma análise que se baseia no algoritmo de acentuação da língua alvo, a saber, a de Lee (1995), a qual assume que o pé básico do PB é o iambo, para explicar o porquê de uma tendência iâmbica nas primeiras palavras. A autora ainda traz contribuições para a teoria paramétrica ao propor que nem todos os parâmetros venham com um valor *default*, pois se assim fosse, não haveria diferentes línguas apresentando tendências prosódicas iniciais divergentes. Dessa maneira, Santos propõe que o parâmetro de núcleo não tenha um valor inicial, seguindo o raciocínio de Hochberg (1988), e que o parâmetro do pé tenha um valor binário, porém este não está disponível logo no início do processo de aquisição.

Um outro estudo realizado por meio da análise de dados naturalísticos é o de Bonilha (2004), o qual analisa dados de uma criança (G.) monolíngüe entre 1;02 e 3;9. Assim como Santos (2001), a autora observa que as produções infantis iniciais evidenciam a emergência tanto de pés trocaicos como de iâmbicos na aquisição fonológica. Além disso, não são encontrados dados com deslocamento de acento, os quais poderiam dar mais pistas a respeito de um suposto padrão prosódico preferencial. Todavia, algo precisa ser lembrado a respeito da análise da autora no que se refere aos dados produzidos entre 1;2 e 1;5, pois se for observado o número de acertos, notar-se-á que o pé iâmbico é o mais produzido de acordo com a forma alvo.

Por último, o estudo de Baia (2006) que, após realizar um estudo na mesma perspectiva de Santos (2001, 2007), encontra uma tendência iâmbica nos dados iniciais. A autora, após investigar o modelo prosódico predominante no léxico particular na aquisição (produções familiares, criações lexicais) e os erros de acento em dados produzidos por duas crianças entre 1;2 e 1;8, nota, em seus resultados percentuais, a falta de evidências a favor de uma tendência trocaica. Baia encontra uma tendência

iâmbica no léxico inicial do PB, entretanto, não faz uma análise dos dados desconsiderando o léxico particular. Assim, a questão que ainda permanece é: será que a tendência iâmbica permanece se o léxico particular for desconsiderado? É o que será verificado neste artigo.

Sobre as diferentes metodologias e os resultados

Como foi mostrado, o estudo experimental de Rapp (1994) aponta uma tendência trocaica nos dados iniciais do PB, enquanto que estudos que lidam com dados naturalísticos assumem não haver uma tendência trocaica e mostram indícios a favor de uma tendência iâmbica. Além disso, apesar dos estudos observacionais terem adotado perspectivas teóricas diferentes, os resultados são similares. Assim, a metodologia utilizada parece interferir, e, por essa razão, nesta pesquisa, são conduzidos dois estudos, cada um feito com uma metodologia diferenciada, a fim de se saber o que ocasiona tal discrepância. O próximo quadro resume o que foi exposto até o momento:

<i>Estudo Experimental – tendência</i>	<i>Estudo Observacional – tendência</i>
RAPP (1994) – trocaica (++)	SANTOS (2001) – iâmbica (+) BONILHA (2004) – iâmbica (+) SANTOS (2007) – iâmbica (++) BAIA (2006) – (++)

(++) = indícios fortes / (+) = indícios não tão fortes

Quadro 2: *o modelo prosódico inicial no PB*

Os estudos com indícios fortes (++) são os que, além de apontar um número considerável de iampos ou troqueus nos estágios iniciais, assumem um dos modelos como o inicial do PB.

3. HIPÓTESES

Tendo o quadro apresentado, as hipóteses a serem perseguidas são as seguintes:

1. Dado que os estudos naturalísticos afirmam uma tendência iâmbica e o experimental uma tendência trocaica no PB, uma hipótese a ser perseguida é a de que o método utilizado pode interferir nos resultados.
2. Dado que o léxico particular desempenha um papel importante na tendência iâmbica encontrada pelos estudos observacionais, a hipótese a ser perseguida é de que a ausência deles, nos dados naturalísticos, faz com que os demais dados apontem a mesma tendência encontrada pelo experimental (trocaica).
3. Uma hipótese alternativa é a de que não apenas o tipo de léxico (particular ou comum) interfira nos resultados, mas a classe gramatical contemplada em cada método, pois o experimental conduzido por Rapp (1994) e o realizado nesta pesquisa lidam apenas com nomes, enquanto que o observacional lida com nomes e verbos.

4. DADOS EXPERIMENTAIS (DEX)

A seguir, são expostos os modelos que aparecem na análise tanto dos dados experimentais (DEX) quanto dos naturalísticos (DES):

SW (troqueu)

WS (iambo)

SWW

WSW

WWS

Os dados são analisados na sua superfície, i.e., não é analisada a derivação do formato prosódico, tal como é realizada pelos estudos que lidam com algoritmo de acentuação (cf. SANTOS, 2001).

4.1 METODOLOGIA

Os dados desta pesquisa são dados experimentais de produção, os quais foram coletados durante o experimento que foi aplicado nos seguintes lugares:

- 1) Creche Maria de Nazaré (SP) / setembro - dezembro de 2006.
- 2) Creche Municipal Alcides Cunha (Ferraz de Vasconcelos) / março - abril de 2007.
- 3) Residência de duas crianças / setembro de 2006

O experimento foi realizado por meio de nomeação de figuras, assim como Rapp (1994) fez, porém as figuras foram apresentadas dias antes para todas as crianças em teatro de fantoches, o qual foi conduzido pela experimentadora, a autora deste trabalho. Nas creches, no início, foram selecionadas, por meio de observação da experimentadora e indicação das educadoras, 62 crianças, entretanto, apenas 42 crianças participaram do experimento. As crianças que não participaram dos experimentos não participaram devido às seguintes causas: 1) não interagiram com o experimentador nas duas tentativas; 2) o responsável não autorizou; 3) faltaram no dia do experimento. Assim, participaram do experimento 42 crianças entre 1;5 – 3;0 anos (20 meninas e 22 meninos), que adquirem o PB como língua materna. Além disso, cabe lembrar que todas as crianças que participaram do experimento têm a mesma condição sócio-econômica (classe média-baixa).

Foi selecionado um número de dissílabos iâmbicos (10) equivalente ao de dissílabos trocaicos (10), e o mesmo número de trissílabos (6 de cada). Foi utilizado o mesmo número de troqueus e iambos no experimento para que não houvesse predominância nos resultados devido a alguma discrepância na forma alvo apresentada, isto é, poderia se obter um suposto resultado que favorecesse o pé trocaico por causa do maior número de palavras trocaicas utilizadas no experimento. Por exemplo, Rapp (1994), estudando o processo de omissão das sílabas fracas na aquisição do PB, utiliza 49 itens lexicais no seu experimento (43% troqueus; 36,7% iambos & 20,3% dátilos) e encontra a predominância de troqueus. Porém, houve um maior número de troqueus

(43%) e isso talvez tenha contribuído para a predominância trocaica encontrada pela autora.

No experimento, foram trabalhados apenas nomes, assim como foi feito no estudo de Rapp (1994). Além disso, por ser a produção dissilábica o foco de atenção desta pesquisa e para não haver a possibilidade de aparecer mais iambo ou troqueu devido ao recorte que poderia acontecer nas produções trissilábicas, a seguinte distribuição foi seguida:

SW – 10 palavras

WS – 10 palavras

SWW – 6 palavras (recorte provável de SW (6))

WSW – 6 palavras (recorte tanto de SW (6) ou WS (6))

WWS – 6 palavras (recorte provável de WS (6))

Dessa maneira, tem-se a possibilidade de 44 produções dissilábicas, sendo 22 SW (10 + 6 + 6) e 22 WS (10 + 6 + 6), ou seja, 50 % de possibilidade para a produção de cada modelo, o que garante o uso de análise estatística na análise dos dados.

A relação das palavras utilizadas no experimento está no próximo quadro:

Modelo prosódico

As palavras

SW	carro, lápis, bola, copo, prato, ovo, chave, calça, uva, gato
WS	fogão, boné, café, sofá, maçã, anel, bombom, balão, sabão, varal
WSW	estrela, boneca, girafa, cachorro, dinheiro, sapato
WWS	violão, jacaré, bambolê, caminhão, avião, macarrão
SWW	mágico, fósforo, ônibus, lâmpada, árvore, óculos

Quadro 3: *Palavras utilizadas no experimento*

A transcrição dos dados foi realizada auditivamente utilizando alfabeto fonético internacional (IPA), e as transcrições realizadas pela experimentadora (CHILDES e IPA) foram confrontadas com a transcrição de outro fonólogo. Na comparação das transcrições, houve 97% de concordância, o que indica que os dados foram devidamente transcritos pela autora deste trabalho, e no que se refere aos 3%, os transcritores entraram em acordo posteriormente.

4.1.1 DESCRIÇÃO DO EXPERIMENTO

Para a realização do experimento, foram utilizados os seguintes materiais: cartolinas com desenhos, gravador digital e dois fantoches (Pato Zequinha e Julinha). Os fantoches foram utilizados tanto no experimento como nas interações iniciais entre experimentadora e crianças. No início de cada sessão, os dois bonecos apresentavam-se para a criança e esta poderia escolher com quem falar.

O experimento ocorreu na seguinte seqüência: o fantoche Zequinha (ou a fantoche Julinha) pedia a ajuda da criança para saber o que aparecia na cartolina porque ele (ela) era um menino(a) bem atrapalhado(a) que, apesar de já ter brincado com ela (a criança) e as figuras, tinha esquecido o nome de tudo. Quando as crianças não lembravam o nome do que estava no desenho, o fantoche pedia que a experimentadora desse pistas para a criança, assim a criança poderia ensiná-lo. É importante lembrar que as palavras não eram representadas em um só desenho, isto é, estavam inseridas em um contexto maior, por exemplo, para que a criança falasse a palavra “carro” o fantoche perguntava: “a fumaça está saindo do quê?” (mostrando o desenho de um carro andando e soltando fumaça).

4.2 RESULTADOS

O total de dados é de 1565 (*tokens*) e são considerados três grupos de faixas etárias com, no mínimo, o intervalo de 5 meses. Os dados foram divididos em três faixas etárias, sendo que a primeira é condizente com a da literatura que trata da tendência prosódica inicial (cf. ALLEN & HAWKINS, 1980; GERKEN, 1994; RAPP, 1992; BAIA, 2006):

Faixa etária 1 (Fx1): 1;5 – 2;0 / 10 crianças

Faixa etária 2 (Fx2): 2;1 – 2;6 / 16 crianças

Faixa etária 3 (Fx3): 2;7 – 3;0 / 16 crianças⁷

⁷ Para uma justificativa mais detalhada a respeito das faixas, ler Baia (2008).

4.2.1 RESULTADOS TOTAIS

A tabela 1 apresenta os valores descritivos no seu total, isto é, os 1565 dados presentes em DEX nas três faixas etárias conjuntas:

Modelo	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Mediana	Máximo
M	5,62	7,62	0,00	3,00	30,00
SW	13,38	3,80	3,00	13,00	21,00
WS	9,92	2,75	2,00	10,00	14,00
SWW	2,00	1,65	0,00	2,00	5,00
WSW	3,92	2,33	0,00	5,00	7,00
WWS	2,88	2,41	0,00	3,00	7,00

Tabela 1: Resultados descritivos gerais de DEX

Como a tabela mostra, o modelo SW é predominante do total de dados de 1;5 a 3;0 anos ($x\# = 13,38$) e é seguido pelo modelo WS ($x\# = 9,92$). O trissílabo mais produzido foi o WSW ($x\# = 3,92$). Porém, após o teste de qui-quadrado de aderência, constatou-se que as médias de SW e WS, apesar de SW ter prevalecido aparentemente, não são significativamente diferentes (Valor-P > 0,05).

No entanto, ainda se precisa saber se SW continua a predominar nas três faixas separadamente. A tabela 2 traz os resultados da média de produção desses dois modelos ao longo das três faixas:

	SW	WS	Valor-P
Fx1	13,76	9,5	> 0,05
Fx2	14,15	9,92	> 0,05
Fx3	12,43	10,56	> 0,05

Tabela 2: SW e WS nas faixas etárias de DEX (total)

A tabela 2 demonstra um predomínio de SW nas três faixas. Após o teste de qui-quadrado de aderência entre as médias de produção de cada modelo dissilábico, constatou-se que as médias de SW e WS, apesar de SW prevalecer, não são significativamente diferentes em nenhuma das três faixas (Valor-P > 0,05).

O gráfico 1 apresenta a porcentagem da produção de cada modelo nas três faixas etárias:

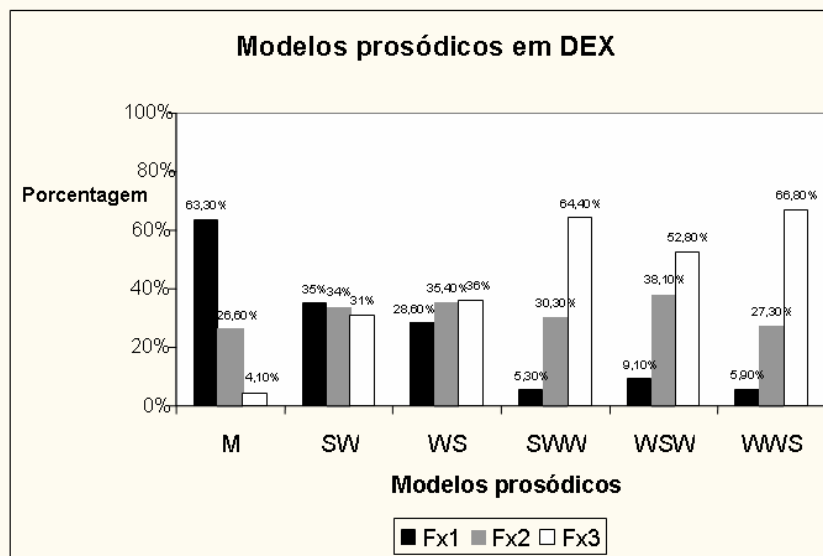


Gráfico 1: modelos prosódicos em DEX (total)

De acordo com o gráfico 2, as principais características de cada modelo foram: os monossílabos são mais frequentes em Fx1, enquanto que SW é produzido com frequência similar nas três faixas e a produção de WS aumenta a partir de Fx2. Os trissílabos passam a ser produzidos gradativamente e o seu maior número de ocorrências está em Fx3.

5. DADOS NATURALÍSTICOS (DES)

Como foi mostrado na seção anterior, os resultados experimentais confirmam a tendência encontrada por Rapp (1994) no seu estudo experimental. No entanto, como

foi comentado, os estudos experimentais, o de Rapp e o conduzido aqui, contaram apenas com o léxico comum no experimento. A seguir, será mostrado que os dados naturalísticos mostram um conjunto de léxico mais diversificado e um papel importante desempenhado pelo léxico particular.

Para haver a comparação entre o que foi observado no experimental, são mantidos os mesmos modelos prosódicos e faixas etárias para análise.

5.1.METODOLOGIA

Os dados naturalísticos analisados nesta seção são de uma criança do sexo feminino (LUI), entre 1;5 a 3;0 anos, e pertencem ao projeto desenvolvido na USP: *A aquisição do ritmo em Português Brasileiro – Processos de Ancoragem*, coordenado pela Profa. Raquel Santos. Assim como no estudo experimental, as palavras (*tokens*) foram transcritas auditivamente com o uso do alfabeto fonético internacional (IPA) e seguindo a codificação CHILDES. Os dados foram transcritos pela autora deste trabalho e, como nos dados experimentais, contou com a ajuda de um fonólogo, a saber, o mesmo do estudo experimental. Na comparação das transcrições, houve 95% de concordância, e no que se refere aos 5%, os transcritores entraram em acordo posteriormente. Ao todo foram obtidos 1177 dados, sendo 761 nomes e 416 verbos.

Foram selecionados dados espontâneos sem imitação, assim, houve o cuidado para não selecionar a fala infantil que fosse produzida com imitação após a fala do adulto. Foram analisadas duas sessões por mês, sendo que cada sessão tinha a duração de meia hora.

5.2 RESULTADOS

5.2.1 DES-NOMES

A tabela 3 apresenta de um lado os valores descritivos no seu total, isto é, para se obter tais resultados foram considerados os 761 dados de nomes em DES (sem subdivisões de acordo com o apagamento). De outro lado, apresenta-se qual é a média quando dados de léxico particular não são considerados na contagem. T. significa todos os dados e SLP significa sem o léxico particular.

Modelo	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Mediana	Máximo
	T. /SLP	T. /SLP	T. /SLP	T. /SLP	T. /SLP
M	6,00/ 6,00	2,82/2,82	1,00/1,00	6,00/6,00	12,00/12,00
SW	16,70/16,15	6,40/6,52	3,00/3,00	17,00/16,00	27,00/27,00
WS	14,05/9,55	11,09/6,16	2,00/ 2,00	10,50/7,50	42,00/29,00
SWW	0,10/0,10	0,30/0,30	0,00/0,00	0,00/0,00	1,00/0,00
WSW	6,65/6,55	5,09/5,09	0,00/0,00	6,50/6,50	17,00/17,00
WWS	0,55/ 0,55	0,88/0,88	0,00/0,00	0,00/0,00	3,00/3,00

Tabela 3: Resultados descritivos gerais de DES-nomes (totais e sem léxico particular)

Como a tabela mostra, o modelo SW é predominante do total de dados de 1;5 a 3;0 anos com a presença ($x\# = 16,70$) ou ausência ($x\# = 16,15$) do léxico particular e é seguido pelo modelo WS. O trissílabo mais produzido foi o WSW ($x\# = 6,65$). No entanto, ainda se precisa saber se com o acréscimo dos dados de erros de acento e léxico particular, SW continua a predominar nas três faixas separadamente. A tabela 4 traz os resultados da média de produção dos dois modelos dissilábicos ao longo das três faixas com e sem o léxico particular:

	SW	WS	Valor-P⁸
	T. /SLP	T. /SLP	T. /SLP
Fx1	13,5/12,25	19,5/10,25	> 0,05/ > 0,05
Fx2	19,5/19,33	13,6/12,16	> 0,05/> 0,05
Fx3	18,1/18,16	7,5/6,00	< 0,05/ < 0,05

Tabela 4: SW e WS nas faixas etárias de DES-nomes (totais e sem o léxico particular)

A tabela 4 mostra que, apesar de SW ter predominado nos dados em geral, quando os dados são divididos em três faixas etárias, encontra-se uma predominância de WS em Fx1 com os dados de léxico particular presentes, o que ocorre devido ao

⁸ Do lado esquerdo está a comparação entre as médias de SW T. e WS T., e do lado direito a comparação entre as médias de SW SLP e WS SLP.

acréscimo desse léxico no conjunto de dados. Após o teste de qui-quadrado de aderência entre as médias de produção de cada modelo dissilábico, comparando médias por cada faixa etária, constatou-se que as médias de SW e WS não são significativamente diferentes em nenhuma das duas situações em Fx1 e Fx2 (Valor-P > 0,05), apenas em Fx3 (Valor-P < 0,05) SW é significativamente predominante com ou sem o léxico particular presente. No entanto, houve uma tendência aparente de WS nos total dos dados, o que confirma o encontrado pelos estudos observacionais.

O gráfico 2 apresenta a porcentagem da produção de cada modelo nas três faixas etárias com todos os dados presentes:

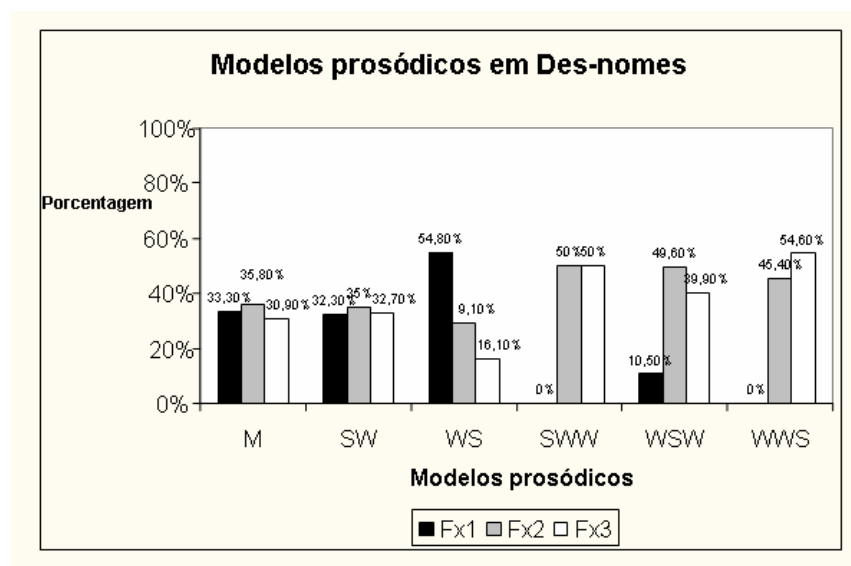


Gráfico 2: Modelos prosódicos em DES-nomes (total)

De acordo com o gráfico 2, as principais características de cada modelo foram: os monossílabos espalham-se quase que proporcionalmente nas três faixas, assim como as produções de SW. O modelo WS apresenta maior número de ocorrência em Fx1 que decresce até Fx3. Os trissílabos passam a ser produzidos em Fx2 e se estendem até Fx3.

5.2.2 RESULTADOS: NOMES COM VERBOS (SEM LÉXICO PARTICULAR)

Na análise dos verbos⁹ foi encontrada uma tendência iâmbica nos dados totais (WS x#= 22,45 / SW x#= 22,35), que foi acentuada em Fx1 quando os intervalos foram considerados (Fx1: WS x#= 27,75 / SW x#= 19,50).

Os resultados presentes na tabela 5 contemplam dados de nomes (638 dados) e verbos em DES (349 dados) conjuntamente (total de 987 dados) sem considerar o léxico particular:

Modelo	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Mediana	Máximo
M	8,60	3,33	2,00	8,50	14,00
SW	22,35	8,39	4,00	23,50	35,00
WS	22,45	11,08	9,00	21,00	50,00
SWW	0,10	0,30	0,00	0,00	1,00
WSW	8,30	6,95	0,00	8,50	22,00
WWS	1,70	1,80	0,00	1,00	6,00

Tabela 5: Resultados descritivos de DES-nomes/verbos (sem léxico particular)

Como a tabela acima apresenta, o trissílabo mais produzido foi o WSW (x#= 8,30). Os dois modelos dissilábicos apresentam médias bem próximas do total de produção (SW x#= 22,35; WS x#= 22,45), e por essa razão não são significativamente diferentes (Valor-P > 0,05).

As médias dos modelos SW e WS, se calculadas por faixa, se distribuem da seguinte forma:

⁹ Os resultados não são apresentados para não ultrapassar o limite de páginas do artigo.

	SW	WS	Valor-P
Fx1	19,50	27,75	> 0,05
Fx2	26,33	21,00	> 0,05
Fx3	22,16	16,83	> 0,05

Tabela 6: SW e WS nas faixas etárias de DES-nomes/verbos (sem léxico particular)

Como a tabela 6 apresenta, nenhuma das diferenças entre os dois modelos nas diferentes faixas etárias é significativa. No entanto, encontrou-se uma tendência aparente de WS em Fx1, o que indica que os verbos desempenham um papel importante na tendência prosódica inicial.

5.2.3 RESULTADOS: NOMES COM VERBOS (TOTAL)

Os resultados presentes na tabela 7 contemplam todos os dados de nomes (761 dados) e verbos em DES (416 dados), que totalizam 1177 dados.

Modelo	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Mediana	Máximo
M	8,60	3,31	2,00	8,5	14,00
SW	22,95	8,03	4,00	24,00	35,00
WS	23,50	12,18	9,00	21,50	50,00
SWW	0,10	0,30	0,00	0,00	1,00
WSW	8,60	6,75	0,00	8,50	22,00
WWS	1,70	1,80	0,00	1,00	6,00

Tabela 7: Resultados descritivos de DES-nomes/verbos (total)

Como a tabela 7 apresenta, o trissílabo mais produzido foi o WSW (x#= 8,60). Os dois modelos dissilábicos apresentam médias bem próximas do total de produção (SW x#= 22,95; WS x#= 23,50), e por essa razão não são significativamente diferentes (Valor-P > 0,05).

As médias dos modelos SW e WS, se calculadas por faixa, se distribuem da seguinte forma:

	SW	WS	Valor-P
Fx1	19,50	29,75	> 0,05
Fx2	26,20	21,00	> 0,05
Fx3	24,16	15,66	> 0,05

Tabela 08: SW e WS nas faixas etárias de DES-nomes/verbos (total)

Como a tabela 8 apresenta, nenhuma das diferenças nas diferentes faixas é significativa. No entanto, em Fx1 há uma tendência iâmbica aparente.

5.3 DISCUSSÃO

Os resultados mostram que o léxico contemplado em cada tipo de estudo (léxico comum vs léxico particular) e a classe de palavra (nomes vs verbos) desempenham um papel importante na tendência prosódica inicial. Dessa maneira, a explicação para a discrepância encontrada entre os resultados dos estudos, que lidam com diferentes métodos, parece estar no *design* do método.

A hipótese 1 - dado que os estudos naturalísticos afirmam uma tendência iâmbica e o experimental uma tendência trocaica, o método utilizado pode interferir nos resultados - foi confirmada. Confrontando as tabelas: DEX - tabelas 1 e 2 e DES - tabelas 3 e 4 (T.), que apresentam resultados da análise de todos os dados contemplados na análise de DES e DEX, nota-se que o método utilizado interfere nos resultados, pois foi encontrada uma tendência trocaica aparente em DEX e uma tendência iâmbica aparente em DES. Tais observações vão ao encontro do que tem sido apresentado pela literatura e a discrepância, como será explicado adiante, ocorre, provavelmente, devido ao passo nº 2 (desenvolvimento do *design*), apresentado no quadro 1, o qual diferiu em cada método empregado, pois os estudos com diferentes métodos até então apresentados não lidam com o mesmo tipo de léxico e classe de palavra.

A hipótese 2 - dado que o léxico particular desempenha um papel importante na tendência iâmbica encontrada pelos estudos observacionais, a

ausência deles nos dados naturalísticos faz com que os demais dados apontem a mesma tendência encontrada pelo experimental (trocaica) - foi confirmada. As tabelas 3 e 4 referentes a DES-nomes confirmam a hipótese, pois quando as faixas etárias são analisadas separadamente, nota-se que em Fx1, o intervalo etário fundamental por ser o contemplado pela literatura em geral, há um predomínio de iampos com os dados totais que deixa de ocorrer a partir do momento que o léxico particular é desconsiderado. Sem o léxico particular, o que se verifica em DES- nomes é uma tendência trocaica aparente.

A hipótese 3 - não apenas o tipo de léxico (particular ou comum) interfere nos resultados, mas a classe de palavra contemplada em cada método também – foi confirmada. O estudo experimental conduzido por Rapp (1994) e o realizado nesta pesquisa lidam apenas com nomes, enquanto que o observacional lida com nomes e verbos. Observando as tabelas 5, 6, 7 e 8, nota-se que apesar de se ter verificado a contribuição do léxico particular na tendência iâmbica aparente em DES-nomes, no contato com dados de verbos e nomes juntos, verifica-se que há uma tendência iâmbica aparente em DES com e sem a presença do léxico particular quando as duas categorias de palavras estão juntas. Isso indica que além do léxico particular, que desempenha um papel importante na tendência iâmbica encontrada nos dados de nomes, os verbos colaboram também na tendência apontada pelos estudos observacionais. Além disso, os dados de verbos, quando analisados separadamente, apresentam predominância de iampos independentemente da ausência ou presença do léxico particular.

Logo, as três hipóteses deste estudo são verificadas e a discrepância entre os resultados do estudo observacional e experimental é explicada por meio do *design* do método, que abrange o tipo de léxico contemplado e a classe de palavra. Esses dois fatores influenciam no resultado devido ao comportamento prosódico diferenciado.

6. CONCLUSÕES

Notou-se que os iampos diminuem se o léxico particular e os verbos forem excluídos dos dados. Dessa maneira, sem o léxico particular e verbos, há uma predominância de SW em DES e DEX, por isso a discrepância entre os estudos experimentais e naturalísticos ocorre. Assim, a discrepância está relacionada com a metodologia empregada e, particularmente, com o inventário lexical considerado na análise.

Por fim, acredita-se que o estudo que desconsidere todos os tipos de produções infantis não pode afirmar, categoricamente, uma outra tendência inicial. Por essa razão, acredita-se que o PB apresente uma tendência iâmbica inicial, tendência defendida pelos estudos naturalísticos (BAIA, 2006, SANTOS 2007) que lidam com a produção lexical infantil na sua totalidade, embora não se trate de uma tendência forte e seja apenas uma tendência aparente de acordo com os resultados estatísticos deste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBANO, E. C. *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro*. Campinas/SP: Mercado de Letras, São Paulo: Associação de Leitura do Brasil- ALB; FAPESP, 2001.
2. ALLEN, G.D. & S. HAWKINS– Phonological rhythm: definition and development em G. Yeni-Konishian; J.F. Kavanagh & C.A. Ferguson (eds) *Child Phonology* vol. 1, NY Academic Press,. p. 227-256, 1980.
3. ALLEN, G. D. Some suprasegmental contours in French Two-Year-Old Children’s speech In *Phonetica*, Vol.40, No. 4, p. 269-292, 1983.
4. BAIA, M. F. A. – *Verificação da tendência trocaica na aquisição do português brasileiro como língua materna*. FAPESP, relatório de iniciação científica, processo nº 03/13139-5, 2006.
5. _____ – *Formato prosódico inicial na aquisição do português brasileiro*. Universidade de São Paulo: dissertação de mestrado (em andamento).
6. BONILHA, G. F. G. *Aquisição Fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade*. Rio Grande do Sul: PUC, Dissertação de doutorado, 2004.
7. CINTRA, G. Distribuição de padrões acentuais no vocábulo em português em *Confluência*, vol. 5. n. 3 83-92 ed. Unesp Assis, 1997.
8. CONSONI, F.– *O acento lexical como pista para o reconhecimento das palavras*. FFLCH-USP: Dissertação de mestrado, 2006.
9. CRAIN, S.; WEXLER, K.– “Methodology in the study of language acquisition: a modular approach” in Ritchie, W. and Bhatia, T. eds, *Handbook of child language acquisition*, p. 427-456, Academic Press, 1999.

10. DEMUTH, K. Markedness and the development of Prosodic Structure em *Proceedings of the NELS* vol.25, 1995.
11. _____ The prosodic structure of early words. J. Morgan & K. Demuth (eds) *Signal to Syntax: Bootstrapping from Speech to Grammar in Early Acquisition*, 171-184 Lawrence Erlbaum ed., 1996.
12. _____ The status of feet in early acquisition em *15th International Congress of Phonetic Sciences (ICPhS)*. Universidad Autonima de Barcelona, p.151-154, 2003.
13. DEMUTH & JOHNSON– Truncation to subminimal words in early French in *Canadian Journal of Linguistics*. 48 (3/4): 211:241, 2003.
14. GERKEN, L. A. A metrical template account of children's weak syllable omissions from multisyllabic words. *Journal of Child Language*, vol.21 565-584, Cambridge University Press, 1994.
15. HOCHBERG, J. G. First steps in the acquisition of Spanish stress. *Journal of Child Language*, n. 15, 273-292 Cambridge University Press, 1988.
16. KARMILOFF, K. & KARMILOFF-SMITH, A. – *Pathways to language: from fetus to adolescent*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
17. KEHOE, M. & STOEL-GAMMON, C. The acquisition of prosodic structure: An investigation of current accounts of children's prosodic development. *Language*, Volume 73, Number 1, 1997.
18. LEE, S. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Campinas: UNICAMP, tese de doutorado, 1995.
19. RAPP, C. *A Elisão de Sílabas Fracas nos Estágios Iniciais da Aquisição da Fonologia do Português*. Dissertação de mestrado UFB, 1994.
20. SANTOS, R. S. *A aquisição do acento primário no Português Brasileiro*, tese de doutorado UNICAMP, 2001.
21. _____ A aquisição da estrutura silábica e sua relação com o acento primário em Português Brasileiro. *Sínteses Revista dos Cursos de Pós-Graduação*, vol.7, p.309-323, 2002
22. _____ Word Stress Acquisition: A Comparison between Brazilian Portuguese and Dutch. *Proceedings 30*, BU, 2006.
23. _____ *A aquisição prosódica do português brasileiro de 1 a 3 anos: padrões de palavra e processos de sãndi externo*. São Paulo: Universidade de São Paulo. tese de livre docência, 2007.

24. SANTOS & FIKKERT, P. The Acquisition of word stress: bottom-up or top-down: a cross-linguistic perspective. *V Workshop on Phonological Acquisition*. Holanda: Rodbod Universiteit, 2005.
25. SECCO, G. *Criações lexicais em uma criança de 20 meses de idade*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1994.

Agradecimentos: Agradeço a Daniel Oliveira Peres pela ajuda na transcrição e a Fidel Beraldi pela ajuda na estatística.

RESUMO: Neste estudo, verifica-se o papel da metodologia empregada nos estudos sobre a forma prosódica inicial. A necessidade dessa verificação surgiu após se notar que estudos que utilizam diferentes métodos apresentam diferentes resultados, i.e., estudos que lidam com o método observacional afirmam haver na aquisição do PB uma tendência iâmbica inicial (SANTOS, 2006, 2007; BAIA, 2006), enquanto que o estudo experimental de Rapp (1994) afirma haver uma tendência trocaica. Após análise dos dados e resultados, conclui-se que a metodologia utilizada afeta o resultado, entretanto, a discrepância encontrada ocorre devido ao léxico analisado em cada tipo de estudo: os estudos observacionais analisam o léxico no seu total (léxico comum e o léxico particular – nomes e verbos), enquanto que os experimentais lidam apenas com léxico comum – nomes devido ao *design* do experimento.

PALAVRAS-CHAVE: ritmo, acento, modelo prosódico, aquisição.

ABSTRACT: This article aims at analysing the role of the methodology in the Brazilian studies on initial prosodic template. Studies that deal with observational method claim that there is an iambic bias in the Brazilian Portuguese acquisition (henceforth BP) (SANTOS, 2006, 2007; BAIA, 2006), whereas the experimental study (RAPP, 1994) holds that there is a trochaic bias instead. After the analysis of the data and results, it is concluded that methodology can influence the results, however, the discrepancy occurs due to the lexicon analysed: the observational studies work with different kinds of lexicon (common lexicon and particular lexicon – nouns and verbs), whereas the experimental ones deal with common lexicon - nouns due to the experiment design.

KEYWORDS: rhythm, stress, prosodic template, acquisition.

Recebido no dia 05 de junho de 2008.

Artigo aceito para publicação no dia 20 de julho de 2008.